

FESTA ENCOBERTA: O SILÊNCIO NÃO EXISTE

A cidade não conhece a noite. A cidade conhece, frequentemente, a noite. A biblioteca não conhece o silêncio. As luzes altas que inundaram a urbe proibiram a grossa escuridão, deixando somente espaço para uma noite interior. A biblioteca tem teclas que nunca param, mexem-se, fazem barulho. As pessoas não caminham silenciosamente nas bibliotecas. Personagens sem nome caem dos livros e andam matematicamente sobre as estantes e o silêncio continua a não existir. Todos os dias procuramos um grau zero que não existe, como se o mundo fosse começar e, afinal, nunca começa. O silêncio é um problema: nunca tivemos oportunidade de o conhecer na biblioteca e falamos sobre ele como se algum dia o tivéssemos conhecido. Livros que se folheiam, sussurros que não conseguimos conter, excentricidades que não falando, falam e até o desgraçado riso não consegue colocar-se de parte nesta festa encoberta. A biblioteca é o grande laboratório do voyeur: escondem-se atrás das lombadas para mirar desinteressadamente; deixam cair os livros; dizem "Bom dia"; tiram fotocópias; arrastam cadeiras; espirram; mexem em telefones; FAZEM BARULHOS. O silêncio da casa dos livros existe somente no íntimo de cada livro, um silêncio impenetrável que não consegue resistir aos longos diálogos com páginas que nunca mais terminam.

"O silêncio é uma escuridão insonorizada. (...) O silêncio está no princípio e no fim do mundo."

(Fernando Gandra, O Sossego como Problema; Peregrinado ad Loca Utopica)

"Silêncio. No hay banda. No hay orquestra."
(David Lynch, Mulholland Drive)

*Maria Inês Castro e Silva
Universidade do Porto
Faculdade de Letras*